



REVISTA
Pergaminho

Volume 3 | Número 2
Jul-Dez | 2023



ISSN: 2764-3522



**ACADEMIA ITAPECURUENSE
DE CIÊNCIAS, LETRAS E ARTES**



REVISTA
Pergaminho

Volume 3 | Número 2 | Jul-Dez | 2023

Itapecuru Mirim - MA

AICLA

2023



Revista Pergaminho

Editor Chefe

Francisco Inaldo Lima Lisboa

Editores adjuntos

Maria da Assenção Lopes Pessoa

Maurel Mamede Selares

Conselho Editorial

Adney Teles (M.e)

Brenno Bezerra de Araújo Pedrosa (Esp.)

Claudiene Diniz da Silva (Dra.)

Francisco Inaldo Lima Lisboa (M.e)

Gabriela de Santana Oliveira (M.a)

José Eduardo Bandeira de Melo Marques
Ferreira (M.e)

Itaan de Jesus Pastor Santos (Dr.)

Jucey Santos de Santana (Esp.)

Laura Virgínia Tinoco Farias (M.a)

Maria da Assenção Lopes Pessoa (Esp.)

Maurel Mamede Selares (M.e)

Nicodemos Bezerra (Esp.)

Tiago de Oliveira Ferreira (Esp.)

Revisão de texto

Francisco Inaldo Lima Lisboa

Projeto Gráfico e Diagramação

Luís Cláudio de Melo Brito Rocha

Academia Itapecuruense de Ciências, Letras e Artes (AICLA)

DIRETORIA ATUAL

Presidente

Brenno Bezerra de Araújo Pedrosa

Vice-presidente

Adney Teles

1º Secretário

Francisco Inaldo Lima Lisboa Pessoa

2º Secretário

Evilásio Costa Barbosa Filho

1º Tesoureiro

Maria de Nazaré Nazaré Ferraz Tomaz

2º Tesoureiro

Leonete Barros Amorim Barbosa

Conselho Fiscal

Werby Almeida Diniz (Beto Diniz)

Maria Assenção Lopes Pessoa

Manoel Ferreira Moura Filho

Alberto Magno Moreira Martins

Teresa Cristina Silva Lopes Santos

Tiago de Oliveira Ferreira

Academia Itapecuruense de Ciências, Letras e Artes (AICLA)

Rua Paulo Bogéa, s/nº - Centro - Itapecuru Mirim / Maranhão

E-mail: casademarianaluz@gmail.com

Revista Pergaminho [recurso eletrônico]. / Academia Itapecuruense de Ciências,
Letras e Artes, v. 3, n. 2, 2023 -. Itapecuru, MA: AICLA, 2023.

v. 3, n. 2, 48 p.

Semestral

ISSN: 2764-3522 (eletrônica)

ARK: <https://n2t.net/ark:/35231/pergaminho.v3n2>

1. Pesquisa científica - Periódicos. 2. Ciências. 3. Letras. 4. Artes. I. Academia
Itapecuruense de Ciências, Letras e Artes. II. Título.

CDU 001.891(812.1)

SUMÁRIO

EDITORIAL

Francisco Inaldo Lima Lisboa7

ARTIGOS

Des(caminhos) do amor e seus labirintos em Amor Cruel, Amor Vingador de Maria José de Queiroz

Jaciane Muniz de Aguiar e Rita de Cássia Silva Dionísio Santos.....9

POEMAS

Do universo para meu Itapecuru

Maria Assenção Lopes Pessoa23

Ó! Cidade da Minha Saudade!

Maria Assenção Lopes Pessoa24

Itapecuru, Terra e Memória

Maria Assenção Lopes Pessoa25

CONTOS

A Ilha dos Caranguejos

Agnaeldo Aquila Viana dos Santos26

ENTREVISTA

Gabriela de Santana Oliveira e Francisco Inaldo Lima Lisboa

Entrevista com Benedito Bogéa Buzar.....32

Editorial

Leitoras e leitores, estamos de volta com mais um número da revista Pergaminho, periódico da **Academia Itapecuruense de Ciências Letras e Artes (AICLA)**, que vem sendo publicada deste 2021 e busca difundir a literatura e a cultura com toda a sua diversidade.

A revista eletrônica Pergaminho é uma publicação interdisciplinar e tem como objetivo divulgar textos nos gêneros: artigo científico, poesia, crônica e conto que ajudem a fortalecer os valores culturais, a identidade e pertencimento do município Itapecuru Mirim, do Estado do Maranhão e sua relação com o contexto Nacional em sintonia com seus eixos temáticos: Comunicação, Literatura, Geografia, História, Ciências e Artes.

Neste novo número trazemos uma **entrevista com Benedito Buzar**, jornalista e escritor que já publicou vários livros nos quais documenta a história política no Maranhão, foi professor da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), é membro da Academia Maranhense de Letras (AML) e foi seu presidente em três mandatos, além de ter exercido cargos públicos em vários governos do Estado do Maranhão e colunistas de jornais de grande circulação com sua antológica coluna Roda Viva, publicada durante muitos anos.

Buzar é membro fundador da AICLA e foi seu primeiro presidente. Também teve papel importante quando foi diretor do Serviço de Imprensa e Obras Gráficas do Estado (SIOGE), nesse período, publicou uma reedição do livro Murmúrios, da poetisa Mariana Luz, obra que havia muitos anos fora de catálogo, reacendendo o interesse pela obra dessa escritora itapecuruense com trabalhos na poesia e no teatro.

Este número também traz o **artigo Des(caminhos) do amor e seus labirintos em Amor Cruel, Amor Vingador de Maria José de Queiroz**, da pesquisadora Jaciane Muniz de Aguiar, com uma análise de contos da escritora mineira Maria José de Queiroz.

Há uma seleção de poemas da poetisa Assenção Pessoa a evocarem a cidade de Itapecuru Mirim que em 21 de julho de 2024 completou 154 anos que foi elevada à categoria de cidade.

Há também o **conto inédito A ilha dos caranguejos**, de Viana dos Santos, que relata uma curiosa aventura pelo rio Itapecuru, o maior rio do Maranhão.

Convidamos a leitora e o leitor para mergulharem nessa leitura.

Francisco Inaldo Lima Lisboa
Editor chefe da revista Pergaminho

Jaciane Muniz de Aguiar

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

E-mail: jacianemuniz@yahoo.com.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4791-872X>**Rita de Cássia Silva Dionísio Santos**

Universidade Estadual de Montes Claros (UIMONTES)

E-mail: cassiadionisio@hotmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7765-0701>

Des(caminhos) do amor e seus labirintos em Amor Cruel, Amor Vingador de Maria José de Queiroz

Resumo

Esta pesquisa tem como proposta apresentar uma análise ficcional da obra *Amor Cruel, Amor Vingador* (1996), de Maria José de Queiroz, em especial, dos cinco contos que compõem a narrativa – “O Juramento”; “Velho com mulher moça”; “Iniciação ao tratado do desespero”; “Ritinha-Chiquê ou A hora do carvoeiro” e “A morte ao pé da letra” –, buscando compreender seus enigmas e labirintos. Neles, percebe-se um enredo baseado nas dualidades do amor, tramas que descrevem minuciosamente o bem e o mal e histórias enigmáticas, amores doentios que irão ocasionar assassinatos e suicídios. A nossa investigação consiste na pesquisa de cunho bibliográfico crítico-teórico, dedutivo e analítico. Utiliza-se para discussões autores, como Maria Lúcia Barbosa (2018), Lyslei Nascimento (1995), dentre outros. No desenrolar da narrativa, nota-se que os narradores chamam nossa atenção para as histórias de suspense e tramas policiais enveredadas pela descrição das classes marginalizadas – por exemplo, as mulheres que, marcadas pela necessidade de pertencerem ao universo masculino, erigem estratégias de resistência ao silenciamento. Portanto, o amor e o ódio nos enredos de Maria José de Queiroz, de maneira denunciativa, metaforizada e irônica, apontam para acontecimentos que representam as mazelas sociais, como, patriarcalismo vigente e a desigualdade entre os sexos, como forma de evidenciar o poder masculino na sociedade.

Palavras-chaves: Maria José de Queiroz; Narrativas Enigmáticas; Amor; Ódio.

Des(paths) of love and its labyrinths in Cruel Love, Avenging Love by Maria José de Queiroz

Abstract

This research aims to present a fictional analysis of the work *Amor Cruel, Amor Vingador* (1996), by Maria José de Queiroz, in particular, the five short stories that make up the narrative – “O Juramento”; “Old man with young woman”; “Initiation to the treatise on despair”; “Ritinha-Chiquê ou A hora do carvoeiro” and “A morte ao pé da literal” –, seeking to understand their enigmas and labyrinths. In them, you can see a plot based on the dualities of love, plots that thoroughly describe good and evil and enigmatic stories, unhealthy loves that will lead to murders and suicides. Our investigation consists of critical-theoretical, deductive and analytical bibliographical research. Authors such as Maria Lúcia Barbosa (2018), Lyslei Nascimento (1995), among others, are used for discussions. As the narrative unfolds, it is noted that the narrators draw our attention to suspense stories and police plots involved in the description of marginalized classes – for example, women who, marked by the need to belong to the male universe, erect strategies of resistance to the silencing. Therefore, love and hate in

Maria José de Queiroz's plots, in a denunciatory, metaphorical and ironic way, point to events that represent social ills, such as current patriarchalism and inequality between the sexes, as a way of highlighting male power. in society.

Keywords: Maria José de Queiroz; Enigmatic Narratives; Love; Hate.

1. Considerações Iniciais

Este artigo – parte da pesquisa de dissertação de mestrado –, defendida em 2022, tem como objetivo analisar as dualidades e os labirintos do amor presentes no livro *Amor Cruel, Amor Vingador* (1996), da escritora Maria José de Queiroz, a fim de compreender o amor e a morte, a partir de uma lógica entre o bem e o mal. Nesta perspectiva, nota-se que o amor transfigura e arrasta as personagens para o abismo da loucura e da morte.

Amor Cruel, Amor Vingador é um livro de contos, em que o amor e o ódio estão descritos de maneiras duais, mostrando personagens que fazem de tudo para conquistar seus desejos. As personagens femininas dos enredos representam as lutas constantes das mulheres nos séculos XIX e XX, uma vez que a sociedade patriarcal é denunciada e ironizada na literatura de Maria José de Queiroz.

A propósito, a estrutura desta pesquisa foi organizada em três tópicos. Apresentamos um panorama da trajetória de Maria José de Queiroz, apontando sua inserção na literatura e na sociedade brasileira e mineira. Começamos pela sua bibliografia, descrição, desde sua vida acadêmica até a contemporaneidade, principais escritos, os primeiros trabalhos acadêmicos – sua história em geral. Em seguida, as duas faces do amor, a partir das análises dos cinco contos (“O Juramento”; “Velho com mulher moça”; “Iniciação ao tratado do desespero”; “Ritinha-Chiquê ou A hora do carvoeiro” e “A morte ao pé da letra”), fizemos uma análise do enredo. Apontamos a composição do livro, a temática, uma análise da ilustração da capa do livro, a classificação quanto ao gênero, novela/conto, os títulos das narrativas e como se relacionam com os narradores dos enredos e os labirintos do amor e do ódio, que resultou na morte dos personagens dos enredos de Maria José de Queiroz.

No âmbito da literatura produzida no Brasil, a fortuna crítica atinente à obra de Maria José de Queiroz inclui artigos de livros, dissertações, teses, monografias, resenhas e algumas leituras apresentadas em colóquios, segundo expõe Barbosa (2018).

Os estudos críticos acerca da produção ficcional da autora são considerados escassos, no que diz respeito à dimensão dos temas, carecendo de pesquisas que enriqueçam seu potencial

literário, além do vasto conhecimento e diversidade de informações oportunizados pelos seus escritos.

Dentre sua ampla produção literária, aproximadamente 30 títulos, entre poesia, conto, romance, literatura infantojuvenil e ensaios críticos, estão *Homem de setes partidas* (1980), *Joaquina, filha de Tiradentes* (1987), *Exercício de Levitação* (1971), *Amor Cruel, Amor Vingador* (1996) e *O Chapéu Encantado* (1992), dentre outros.

Maria José de Queiroz, em suas produções literárias, descreve o cenário mineiro, seus costumes, suas tradições, personagens femininas marcadas por preconceitos, apagadas e silenciadas pela sociedade patriarcal, a partir da relação entre o factual e o real.

Em boa parte de sua ficção, Maria José de Queiroz busca recuperar a memória cultural e histórica de Minas Gerais por meio da ficção, sem o rigor historiográfico tradicional. As narrativas orais, que não estão sujeitas ao encarceramento de datas, fatos e documentos precisos, acabam por compor um mosaico cultural das Minas Gerais com lembranças estruturantes do imaginário (Nascimento, 1995).

A produção ficcional de Queiroz apresenta enfoques histórico-sociais permeados de perspectivas com as quais a autora elabora seus enredos e os fatos narrados, no interior das obras, valorizando a descrição e os detalhes dos acontecimentos históricos (Barbosa, 2018). Constrói, assim, uma visão de tempos e espaços distintos, que permitem pensar numa concepção histórica, política e social, marcada por acontecimentos de relevância para a formação da identidade cultural, coletiva ou individual.

Dessa forma, Queiroz leva-nos a navegar em um universo recheado de surpresas e enigmas, que estabelece possibilidades de compreensão do texto ficcional. Conforme Barbosa (2018), seria possível, então, afirmar que o ilusório, resultante do ato de fingir é o que imprime a dimensão do ficcional no texto literário, ou que o fictício é a concretização do imaginário que transpõe, por intermédio da linguagem, elementos da realidade.

A escritora Maria José de Queiroz faz-nos, pois, considerar, a partir das suas narrativas, a pertinência da produção de autoria feminina na historiografia literária, desenvolveu excelentes contribuições para a literatura brasileira e mineira.

2 Fundamentação Teórica

2.1 A trajetória da escritora maria José de Queiroz

Figura 1: Maria José de Queiroz.



Fotografia: Lyslei Nascimento - Rio de Janeiro, 2019¹.

Maria José de Queiroz nasceu em 29 de maio de 1936, em Belo Horizonte, e faleceu 15 de novembro de 2023, em Lagoa Santa – Minas Gerais, aos 89 anos. A escritora mineira, que deixa um importante legado para a história e a literatura brasileiras, além de escritora, foi professora, ensaísta e poeta, tendo começado a publicar ainda jovem, quando era estudante. Maria José de Queiroz doutorou-se em Letras Neolatinas pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, ingressando como professora de Literatura Hispano-Americana, Brasileira e Comparada, na mesma universidade. Aos vinte e seis anos, tornou-se catedrática do país, uma mulher reconhecida socialmente pelos seus escritos e pelo seu potencial profissional. Como professora convidada, teve uma longa carreira em importantes universidades americanas e europeias: Indiana, Harvard, Berkeley, Sorbonne, Lille, Bordeaux, Aix-en-Provence, Bonn e Colônia.

¹ As fotografias foram gentilmente cedidas pela Professora Lyslei Nascimento, da Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG.

Filha única, ainda criança perdeu o pai, em razão de um acidente com arma de fogo. Devido a essa fatalidade, viveu em condições bastante modestas, com um único meio de sustento, advindo do trabalho da sua mãe Honória, florista, vendedora de flores artificiais, conforme afirma Nadiny Prates Fiúza (2019), em “Figurações do masculino em *Invenção a duas vozes*, de Maria José de Queiroz”.

Devido à persistência e dedicação de Honória, Queiroz conseguiu uma bolsa de estudos no colégio *Sacré-Couer de Marie*, um dos educandários femininos mais renomados de Minas Gerais, localizado na região centro-sul de Belo Horizonte, um colégio de formação católica, frequentado por meninas de família burguesa (Fiúza, 2019).

Em 1980, Queiroz e D. Honória mudaram-se para o Rio de Janeiro, por questões de trabalho e editoriais. Observa-se que a migração de escritores mineiros, por exemplo, Carlos Drummond de Andrade, dentre outros autores, que saíam de Minas Gerais para procurar uma vida melhor em outros estados, foi um fenômeno que, segundo Humberto Werneck, em *O desatino da Rapaziada* (1992) ficou conhecido como “diáspora mineira”. Os motivos para os deslocamentos consistem no fato de estados como, por exemplo, São Paulo e Rio de Janeiro, permitirem conciliação e valorização da criação artística e amplidão de novos horizontes, ainda de acordo com a pesquisadora Fiúza (2019).

A produção crítica literária de Queiroz teve início em 1961, quando ela publicou o primeiro ensaio sobre literatura, intitulado *A poesia de Juana de Ibarbourou*, pela Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais. Desde então, ela publicou seis romances, cinco volumes de versos, dois livros de contos, duas obras de literatura infantojuvenil, uma autobiografia, além de quinze ensaios, com temáticas variadas, como comida, o exílio e o cárcere, a mulher e a própria literatura.

Em 1984, também escreveu para jovens, pertencendo aos quadros da Academia Mineira de Letras e do Pen Clube do Brasil. Pela sua produção literária, Maria José de Queiroz conquistou o Prêmio Sílvia Romero de Ensaio, da Academia Brasileira de Letras, em 1963, o Prêmio Othon Lynch Bezerra de Melo de Ensaio, da Academia Mineira de Letras, também em 1963 e, naquele mesmo ano, o Prêmio Pandiá Calógeras de Erudição, da Secretaria do Estado de Minas Gerais, o Prêmio Luísa Cláudio de Souza de Romance, do PEN Clube do Brasil, em 1979, o Prêmio Jabuti de Ensaio, da Câmara Brasileira do Livro, em 1999, o Troféu Eunice e Dulce Fernandes de Educação e Cultura, da Academia Mineira de Letras, em 2014, dentre

outros (Barbosa, 2018).

3 Metodologia

Esta pesquisa fundamentou-se no método dedutivo e analítico, numa abordagem qualitativa. Quanto aos objetivos propostos, se deu de maneira exploratória e de cunho bibliográfico crítico-teórico, utilizando-se de livros, artigos científicos, dissertações, monografias, teses sobre o tema, e algumas pesquisas sobre as demais obras de Maria José de Queiroz, deixando evidente que, em relação ao livro *Amor cruel, Amor vingador* (1996), não encontramos estudos para nos embasarmos exclusivamente neles, apenas uma resenha crítica “A ficção de crime em *Amor cruel, Amor vingador*, de Maria José de Queiroz”, escrita por Christini Roman de Lima (2021).

Grandes literatos, críticos e ficcionistas nos ampararam neste estudo, oportunizando uma análise e compreensão acerca das dualidades entre amor e do ódio na ficção queiroseana, dentre eles, Maria Lúcia Barbosa (2018), Nadyne Prates Fiúza (2019), Christini Roman de Lima (2021), dentre outros.

4 Resultados e Discussão

4.1 Uma análise do amor e do ódio em *amor cruel, amor vingador*

O livro *Amor Cruel, Amor Vingador* (1996) é formado por cinco contos que podem ser lidos de forma independente, sem que haja uma ordem definida entre eles, tendo como tema central o amor e a morte. Um amor que se apresenta não como uma generosa forma de expressão humana, mas como forças aterradoras de ambição, egoísmo, machismo e possessão, capazes de destruir o objeto amado. Amores doentios que irão ocasionar assassinatos e suicídios, evidenciando o tom policial e detetivesco.

Segundo Queiroz (1996, p. 14), quanto à classificação, esta “*nivola*”²foge a toda classificação de gênero (pode ser apresentada como novela ou como contos) que, assim, os labirintos da trama policial são descritos a partir da lei, do comportamento dos personagens e do desembaraçar do próprio novelo diante dos interesses criados pelos personagens na narrativa. Em “O Juramento”, temos uma *nivola*, sendo o enredo mais longo do livro de Maria

²Neologismo criado por *Unamuno* para classificar seus romances e responder, ironicamente, à crítica impiedosa (QUEIROZ, 1996, p. 14).

José de Queiroz. Nas demais narrativas: “Velho com mulher moça”, “Iniciação ao Tratamento do desespero”, “Ritinha-Chiquê ou A hora do carvoeiro” e a “A morte ao pé da letra”, temos quatro contos – histórias curtas e breves.

De acordo com Maria José de Queiroz:

Nas cinco histórias do livro, os paradoxos não se resolvem tão depressa, quanto desejamos. Em todas elas, à nova luz ou à nova perspectiva, a vítima se converte em culpado ou vice-versa. Descobri, ao epílogo de “A morte ao pé da letra”, que a tragédia de Sófocles poderia servir de script, em sucessivas versões, ao projeto homicida ou suicida desse ou daquele protagonista. E tudo dependeria da identificação do leitor com o seu duplo – o herói que lhe propiciasse a desejada catarse (Queiroz, 1996, p. 13).

Neste contexto, os contos de Queiroz possuem labirintos e enigmas que não são solucionados rapidamente, possibilitando aos leitores múltiplas interpretações: final feliz, mortes, prisão, dentre outras possibilidades que a autora dos contos nos leva a pensar e navegar dentro da narrativa.

Com focos narrativos variando entre primeira e terceira pessoa, os cinco contos buscam, a partir da memória, a descrição dos personagens que, ao longo dos contos, vivenciam um emaranhado de angústias, de tristezas, de amor, de vingança, descrevendo minuciosamente os assassinatos e os suicídios de todos os personagens nos respectivos contos, em que a violência é nitidamente observada como o único meio para que os problemas sejam solucionados (Barbosa, 2018).

Percebe-se uma interferência dos narradores nos enredos e o resgate do passado, alternando os relatos das histórias e possibilitando uma compreensão aguçada do livro (Barbosa, 2018).

Nos enredos de “O Juramento”, “Velho com mulher moça”, “Iniciação ao Tratado do desespero”, “Ritinha-Chiquê ou A hora do carvoeiro”, o foco narrativo em terceira pessoa, característica marcante na produção ficcional de Queiroz, em que os narradores oniscientes narram a história e estabelecem total conhecimento acerca dos fatos e das personagens.

Em “A morte ao pé da letra”, narrado em primeira pessoa, por uma professora que conta/retrata a vida de um estudante de Literatura Comparada em Sorbonne, sua interferência nas constantes pesquisas realizadas pelo personagem Pierre, e a transfiguração da tragédia grega escrita pelo próprio Pierre. O narrador/personagem em primeira pessoa configura-se como participante ativo na narrativa, desenvolvendo relações íntimas e emocionais durante o enredo.

Os títulos dos contos: “O Juramento”, “Velho com mulher moça”, “Iniciação ao Tratado do desespero”, “Ritinha-Chiquê ou A hora do carvoeiro” e “A morte ao pé da letra” se articulam com o livro, uma vez que retratam, na íntegra, o amor e o ódio vivenciados pelos personagens, um amor que foge do sentimento bondoso, fiel e se mostra cruel, maldoso e capaz de levá-los à morte. Tanto os contos quanto o título do livro nos levam a pensar em uma tragédia grega, na qual se veem histórias trágicas e dramáticas, ocasionadas pelas paixões humanas desenfreadas, em que as personagens estabelecem relações com deuses e heróis mitológicos.

Maria José de Queiroz utiliza na obra várias expressões da linguagem oral, ditados populares e gírias, possibilitando compreender a linguagem de uma região rica em expressões próprias e de importância à história e ao registro mineiro. Corroborando os pensamentos de Queiroz (1996, p. 19 – 93), “flor que não se cheire. Eu aprendi que errar é humano, mas persistir no erro é diabólico. Aquela dona peçonheta. Ô chente! Que chás tão quente. Mamata [...]”, são representações contadas/faladas que assumem um lugar histórico dentro do livro.

Observa-se, também, que a escritora Queiroz desenvolve uma escrita simples, de fácil compreensão, numa mescla de um vocabulário com expressões do francês e do inglês, em que se notam ressonâncias do seu próprio trajeto intelectual entre Brasil e outros países.

O seu léxico, mesmo quando apresenta termos estrangeirismos, aponta para os costumes, as tradições e as culturas, tanto mineiras quanto de outras nações, assim: *Bouquet* (buquê); *chalet* (casa de campo, chalé); *Boy* (garoto); *Maffia* (mafia); IBOPE (IBOPE); *Delega* (delega); *Causa mortis* (causa/morte); *Frankfurt* (Frankfurt); *Wall Street* (mundo financeiro); *Pizze* (pizza); *In extremis* (In extremis); *Stress* (Estresse); *Poirot* (poirot); *Choix* (Choix); *Merci beaucoup* (Muito obrigado); *Ter’s chic* (*Ter’s chique*); *S’il vous plaît* (*Por favor*); *C’est l’avie* (*É a vida*), *L’amour toujours L’amour* (*Ame sempre ame*); *Esprit* (Mente); *Il faut que jeunesse passe* (Os jovens devem passar); *Marsella* (Marsella); *Ter’s joli* (*É bonito*); *Rouge* (vermelho); *Rendez -vous* (Encontro); *Chapeau* (Chapéu); *Quartier Latim* (Quartier Latim); *Cher mari* (querido marido); *Studio* (Estúdio); *Script* (Roteiro), (Queiroz, 1996).

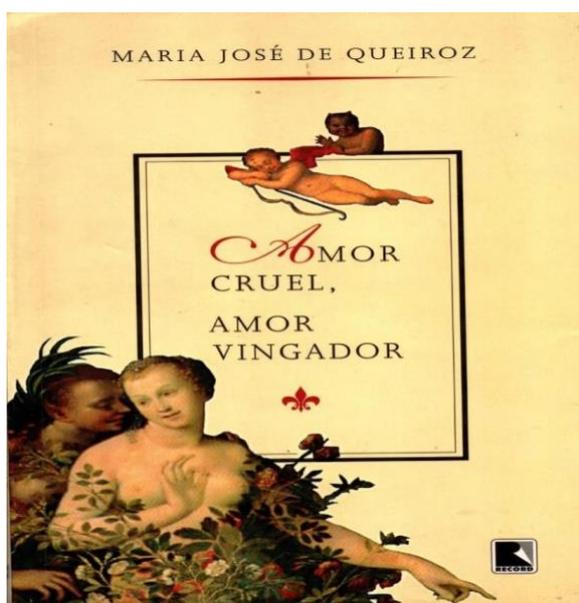
Pode-se inferir a necessidade que a autora tem de apresentar os falares diversificados das culturas e as expressões estrangeiras que se relacionam com a história de amor, de ódio e de vingança. As traduções das palavras estrangeiras mostram que os significados estabelecem conexões diretamente com a narrativa de Queiroz, esse amor, ódio e seus enigmas acerca dos principais suspeitos do crime.

A capa do livro *Amor cruel, Amor Vingador* (1996), realizada por Carolina Vaz, estabelece uma ligação com o enredo criado por Maria José de Queiroz. As ilustrações de Carolina Vaz na capa do livro nos mostram os paradoxos, como amor/ódio, mulher/homem, Deus/diabo, pureza e pecado, figuras em que, implicitamente, percebe-se, através da ironia explícita na ilustração, o quanto a sociedade carece de transformação acerca da dominação masculina sobre o sexo feminino, eliminando a imagem da mulher, que parece depender, exclusivamente, do homem, e de estar acompanhada por um indivíduo que denote completeza da sua figura.

As ilustrações evidenciam o amor como sentimento bom e capaz de derrotar o mal, porém, observa-se o olhar malicioso da personagem diabo, sinônimo do espírito maligno, levando o homem/mulher a se entregarem ao erotismo, fazendo alusão, ainda, ao paraíso de Adão e Eva (na ilustração da natureza como forma de abrigo), e às proibições acerca dos prazeres sexuais. O corpo feminino alude à sedução, à sensualidade e à sexualidade aflorada. Sugere, também, a indução ao pecado pelo sexo masculino, para o qual a mulher figura como objeto sexual.

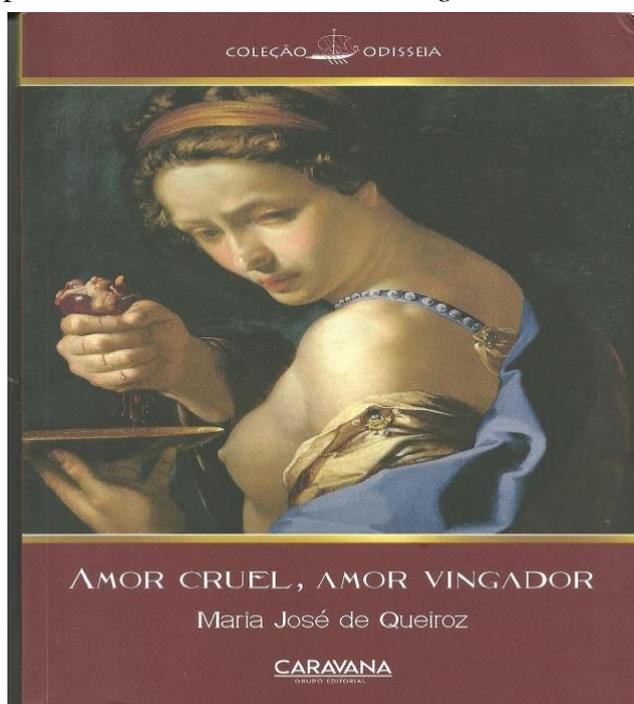
Vejam, abaixo, as ilustrações das capas do livro *Amor cruel, Amor vingador* das edições de 1996 e de 2021, respectivamente – paratextos que estabelecem evidente relação com a narrativa de Queiroz:

Figura 3: Capa do livro *Amor cruel, Amor vingador* (1996).



Fonte: Grifos nosso – Imagem digitalizada do livro.

Figura 2: Capa do livro *Amor Cruel, Amor vingador* – nova edição - (2021).



Fonte: Grifos nosso – Imagem digitalizada do livro.

A mulher, na primeira imagem, é caracterizada como uma figura frágil e delicada, sua face voltada para baixo permite a ideia da submissão e opressão pela classe masculina. No entanto, é vista e lembrada como aquela que induz ao pecado. Cercada de rosas, brancas e vermelhas, que escondem seu corpo, como sendo parte dele, onde estão também os espinhos, traça o contraste de cores como se sugerissem a ideia de que aquilo que pode proporcionar prazer e paz, também pode ferir mortalmente.

A imagem do homem, com orelhas deformadas (semelhante a um ser mitológico), na capa do livro, reflete o ser dotado de virilidade, detentor de um grande poder de sedução, porém, camuflando a verdadeira face que carrega os interesses reais de imposição e preceitos superiores aos do sexo feminino.

Carolina Vaz sugere, na capa, que a imagem cristalizada da relação entre os amantes, de domínio do homem sobre a mulher– a qual se deixa seduzir, como um objeto de desejo a ser conquistado. Contudo, a imagem, se comparada aos textos literários dos livros, parece-nos servir de ironia, uma vez que a autora evidencia, na obra, a provocação sobre se refletir a respeito da desigualdade entre homens e mulheres, sobre as agendas de gênero ou de sexo. A relação entre a ilustração da capa e a narrativa possibilita perceber os retratos e as representações de gênero sendo caricaturados por meio da submissão feminina ao masculina.

A capa, ao rasurar os sentidos dos enredos, expõe, também, a própria condição de ser mulher. Há descrição do amor e da vingança como figuração de sentimentos capazes de transfigurar as personagens em indivíduos loucos pelas realizações dos desejos individuais.

Carolina Vaz, ilustradora do livro *Amor Cruel, Amor Vingador*, engendra e desenvolve relações de representações de um ideário social acerca das relações de gêneros e de sexo, no qual a imagem da mulher apresenta-se dependente da figura masculina. As dualidades entre homem e mulher permeiam o debate social ao longo da história e, nesse debate, evidenciam-se as relações de submissão feminina.

As caricaturas de gênero aparecem na capa do livro como representação de um espaço de dualidades entre homem e mulher: o sexo masculino, carregado do discurso de poder, da dominação e da submissão do feminino, enquanto ao sexo feminino, o silenciamento e a invisibilidade social.

Muitas mulheres, como Maria José de Queiroz, desenvolveram relevantes produções artísticas e literárias na literatura brasileira, contudo, foram silenciadas e não obtiveram uma visibilidade no cânone literário. A voz feminina, destinada exclusivamente ao espaço doméstico e privado, trava uma luta histórica para fazer-se ouvir e estabelecer seu lugar na sociedade. Os textos da escritora proporcionam a observação desse fenômeno, assim como das relações entre os diferentes grupos sociais, suas concepções de mundo, seus valores e seus domínios (Barbosa, 2018).

Queiroz estabelece questionamentos a partir das leituras acerca da história e dos paradigmas culturais “num trabalho de desvelar as contradições nas quais se fundamentam os discursos históricos oficiais de determinadas épocas” (Barbosa, 2018, p. 145).

A literatura denunciadora da autora procura mostrar uma linguagem ordenada e formal, durante a construção literária contemporânea. Essa postura humanística – e política – se revela fartamente ao longo dos fatos que são narrados, o que a torna uma escritora dotada de um significativo “corpus”, possuindo qualidade ímpar em suas produções, contribuindo para tornar sua literatura merecedora de um olhar atento por parte daqueles que apreciam sua arte (Barbosa, 2018). Maria José de Queiroz situa-se em uma sociedade patriarcal e machista, todavia, sua produção fricciona os paradigmas de seu tempo, mostrando sua essência enquanto mulher/escritora, desvelando os paradoxos da sociedade e dos fatos.

O amor algoz, o erotismo, a sexualidade, a nudez, o ódio, o cupido e as dualidades entre homem/mulher representam, na produção artística de Queiroz, a potência para a construção de sentidos que configuram todo o percurso construtivo de uma mulher escritora; representam, também, os preconceitos e as desigualdades sofridas por uma mulher, principalmente se pesquisadora e escritora.

Os títulos que compõem as narrativas do livro – como dito – corroboram essa nossa percepção, ao trazerem enredos de castigo, de culpa, de inocência, de condenação e de angústias vividas pelas personagens – e de subversão. Observa-se a presença dos recursos estilísticos que proporcionam, dentro da narrativa de Queiroz, maior destaque e expressividade no discurso, uma vez que temos oposições, antíteses e paradoxos que se baseiam nos contrastes, conflitos, dualidades e excessos. As mulheres descritas no livro *Amor Cruel, Amor Vingador* (1996) representam mulheres que sofrem opressão por sua busca incansável por um universo feminino.

5 Considerações Finais

Amor cruel, Amor vingador traz temáticas diversificadas em relação ao amor, uma vez que são amores de pais para filhos, de madrasta para enteados, de mulher para homens e assim fecha a coletânea de Maria José de Queiroz. Ao mesmo tempo em que ocorre o bem: o amor, o mal: o ódio, se faz presente. As duas faces do amor caracterizam o ser humano, as frustrações, as fraquezas, que vão além da compreensão emocional. Maria José de Queiroz resgata, em seu livro, as dualidades do amor, como forma de mostrar, por meio da ficção, que, desde os clássicos até a contemporaneidade, histórias fascinantes ligadas à trama da vida, a crise do amor – é a representação da natureza humana.

As memórias de Maria José de Queiroz são estruturadas através da sua liberdade individual, “da experiência intelectual, as memórias coletivas que têm por objetivo resgatar e desnudar eventos e personagens esquecidos da História oficial” (Barbosa, 2018, p. 144).

O amor e a morte impõem uma forma de vida e trazem relatos que envolvem as cinco tramas (“O Juramento”; “Velho com mulher moça”; “Iniciação ao tratado do desespero”; “Ritinha-Chiquê ou A hora do carvoeiro” e “A morte ao pé da letra”). Os personagens amam e morrem por amor. Um enredo baseado no amor, mas, ao mesmo tempo, se transforma em ódio/vingança. As cenas dos contos descrevem minuciosamente as dualidades entre o bem e o mal e mostram o final trágico das histórias pelo abismo da vingança, do orgulho, da cobiça, da

crueldade e de suicídios.

Maria José de Queiroz representa para a sociedade brasileira e mineira, uma mulher que resistiu aos preconceitos estabelecidos pelo sexo masculino e vai além dos discursos patriarcalistas, evidenciando seu lugar social enquanto escritora e professora.

Trazer à tona Maria José de Queiroz é reconhecer a sua relevante produção literária, as potencialidades de sua voz narrativa e do seu tom denunciativo à literatura brasileira/mineira. Os contos compostos de histórias conflituosas, em que o ódio prevalece, oferecendo aos leitores labirintos e enigmas que são inusitadamente solucionados no final de cada narrativa, com desfechos não raro solitários e infelizes, em que amor *versus* vingança e amor *versus* ódio são oposições nitidamente presentes. *Amor cruel, amor vingador*, com suas redes e tecituras que remotam ao clássico, mas também, modernas e contemporâneas, ratificam a força e o dinamismo dessa autora mineira, à qual ainda não demos o valor de que ela realmente é digna.

Agradecimentos

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras Estudos Literários – PPGL/Unimontes.

À Universidade Estadual de Montes Claros/UNIMONTES.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Referências

BARBOSA, Maria Lúcia. **História e memória na ficção de Maria José de Queiroz**. 2018. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-B45FCZ>. Acesso em: 30 jun. 2020.

FIÚZA, Nady Prates. **Figurações do masculino em *Invenção a duas vozes*, de Maria José de Queiroz** [manuscrito]/Nady Prates Fiúza. – Montes Claros, 2019. Disponível em: <https://www.posgraduacao.unimontes.br/uploads/sites/12/2021/01/FIGURA%20C3%87%20C3%95ES-DO-MASCULINO-EM-INVEN%20C3%87%20C3%83O-A-DUAS-VOZES-DE-MARIA-JOS%20C3%89-DE-QUEIROZ.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2022.

NASCIMENTO, Lyslei. **Exercício de fiandeira**: uma análise do romance *Joaquina, filha do Tiradentes*, de Maria José de Queiroz. 1995. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) –

Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1995.

NASCIMENTO, Lyslei. **Maria José de Queiroz**. 1 fotografia. Rio de Janeiro. 2019.

QUEIROZ, Maria José. *Amor Cruel, Amor Vingador*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

QUEIROZ, Maria José. *Amor cruel, Amor vingador*. 2^a ed. – 122p. – (Coleção Odisseia: v. 4). Belo Horizonte: Caravana. 2021.

WERNECK, Humberto. *O Desatino da Rapaziada*. Rio de Janeiro: **Companhia das Letras**, 1992.

Maria Assenção Lopes Pessoa

Academia Itapecuruense de Ciências, Letras e Artes (AICLA)

E-mail: assencaopessoa2009@gmail.com

Do universo para meu Itapecuru

No mistério do Universo
mira-se um Planeta.
Uma terra colorida,
de arco-íris, paisagens floridas,
encantamento de vida.
Um país, o Brasil,
Tropical, varonil.

E mira-se uma cidadezinha,
Itapecuru Mirim,
pedacinho do Maranhão.
Meu universo pequenino,
meu cantinho, meu torrão.

E, dentro dela, mira-se
o rio Itapecuru de águas pardas,
frias e calmas, de histórias e magias.
E a mira de uma piaba
tentando a vida de seu cardume salvar!
E como companheira...
Apenas algumas centelhas
de vaga-lumes a iluminar,
iguais estrelas no céu,
mostrando qual caminho traçar.

Maria Assenção Lopes Pessoa

Academia Itapecuruense de Ciências, Letras e Artes (AICLA)

E-mail: assencaopessoa2009@gmail.com

Ó! Cidade da Minha Saudade!

Ó! Cidade da minha saudade!
onde cresci, vivi minha infância,
minha mocidade.
Hoje te vejo
tão despida, descuidada,
tecendo por outras estradas,
mergulhada no descaso.
Meus olhos, por ti choram,
vazios de esperança.

Ó Itapecuru!
tuas águas também caminham
dispersas, desfiguradas, sozinhas.

Ó! Cidade da minha saudade!
Sal de prantos
corre-me a face.
De ver tuas matas
queimadas,
destruídas.
Tuas águas poluídas,
igarapés aterrados.

E depois...
muito tempo depois,
as chuvas, as preces,
as enchentes,
desagasalham quem não tem culpa
quem não merece.
Levam tudo
Lavam tudo.
Ó! Cidade da minha saudade!

Maria Assenção Lopes Pessoa

Academia Itapecuruense de Ciências, Letras e Artes (AICLA)

E-mail: assencaopessoa2009@gmail.com

Itapecuru, Terra e Memória

À margem do rio Itapecuru
entre matas e fontes cristalinas,
entre as palmeiras de babaçu,
povos nativos habitam,
colonos e negros desbravam
e fazem surgir a esplendorosa menina.
Itapecuru Mirim, cidade divina.

Joia do meio norte maranhense
rica, ridente ao luar da ribeira,
orgulho de ser itapecuruense.
Por meus lábios, quero cantá-la,
cidade humana e ordeira
no silêncio da brisa, quero ouvi-la.

Salve! Salve Itapecuru Mirim!
Salve o povo e sua história!
Salve o rio, o seu jardim!
Salve o Itapecuru, a Terra e a memória!

Agnaeldo Áquila Viana dos Santos

Colégio Militar Tiradentes XIII

E-mail: akilads85@gmail.com

A Ilha dos Caranguejos

Nas ramificações laterais das serras da Crureira, o Itapecuru nasce simplório entre as matas de Mirador. O rio nasce festivo, a dor mesmo é ao longo da sua jornada até desembocar na Baía do Arraial, na porção sul da Ilha do Maranhão. A bacia do Itapecuru passa por 55 municípios e se divide em três cursos: alto, médio e baixo Itapecuru. Eu resolvi viajar de caiaque de Caxias até a foz de Rosário (baixo Itapecuru) e de lá, viajar à Ilha dos Caranguejos. A minha intenção era filmar a destruição da mata ciliar e conseqüentemente, o seu assoreamento, mas a coisa danou para outra. Saí de São Luís, entre junho e julho, meses em que o volume das águas é mais baixo. Não direi muito da viagem de carro até Caxias, não cabe neste pequeno espório narrativo. Digo que cheguei no início de julho, uma segunda-feira tranquila. Levei comigo três câmeras a prova d'água. Uma na ponta da frente e uma atrás do caiaque e a outra acoplada ao meu colete. Foram seis anos de intensa preparação. Não era um menino. Farei em setembro deste ano, 40. Não tinha nenhuma inocência sobre a natureza ou as pessoas. O objetivo era evitar curiosos e ter o máximo de contato com a natureza, mesmo que ela estivesse à beira da morte. Sim, a morte rondava o rio: muitas casas enfileiradas uma atrás da outra, plantações e represas clandestinas assombravam as zonas ribeirinhas. Muitos ribeirinhos acenavam. Por gentileza, eu também, mas sempre os evitava, estava cansado do mundo urbanístico. O ponto de início foi o Porto do Paiol, no povoado Baú. As águas barrentas e a vegetação intensa eram ótimas referências de que ali a destruição ainda não tinha chegado. Coloquei o caiaque na água. Eu estava só. Alguns amigos queriam ir junto, mas eu menti dizendo que iria somente em agosto. Não queria companhia. Somente a natureza seria a minha companheira. Era claro quando iniciei e, quando cheguei à cidade de Caxias, já tinham passado dois dias. Na cidade alguns guris jogaram pedra, mas resisti à tentação de reclamar. Não farei aqui um diário de bordo. O que eu quero contar de fato foi um caso sinistro que ocorreu comigo. Mas todo caso inicia com um caso. Na altura do povoado São Miguel, já de noite, atraquei o caiaque na margem esquerda do rio. Depois que ultrapassei os limites de Aldeias Altas, algo me seguia, eu sentia. O mal está em todo o lugar e, principalmente, nas pessoas. Há pessoas que querem fazer o mal. Não suportam que outros possam viver, elas anseiam. No breu da noite, o vento assobia

caprichosamente, o Curupira se cala, e algo farfalha entre as árvores. A única arma que trouxe, é um punhal pequeno que uso para cortar cordas ou limpar os peixes. À noite não há como navegar. Não ousa gritar. Daria ao agressor motivo seguros de que estou com medo. Não durmo, vigio como uma sentinela. O meu dever é a minha vida. Olho sempre o céu, quase sempre estrelado. O breu reina, os bichos da mata sumiram. Se o Curupira está com medo, estou aterrorizado. O dia amanhece volúvel e inquieto. Nenhuma ave voa ou bicho surge. Meu pescoço dói. Como não pude sair do caiaque, meus pés e o meu tronco latejam. Como não há presença humana próxima do lugar resolvo acampar. Monto a barraca e faço um café da manhã. Durmo por quase três horas. Acordo as 7h. Entro no caiaque e sigo viagem. Alguns dias se passaram. Próximo a Bom Jesus, numa porção larga e floreada de cocais, sinto novamente a presença. Dos dois lados não há nenhum tipo de construção humana. Cocos que caem das árvores se empilham aleatoriamente sobre a vegetação. Por medo, não fico ali. Sigo viagem, as águas mais volumosas e correntias vão acelerando. Olho sempre para os lados. Sei que existem muitas empresas que lançam sem o menor pudor ecológico suas mazelas no rio. Sinto que possam ser capangas querendo me assustar. Dois dias sem sair do caiaque. Medo de atracar e ser atacado. Dois dias sem beber café quente. Só diluo e bebo. Minha mente já caçoa do meu corpo. Tenho um celular analógico para emergências, mas sem sinal há dias. Por mais algumas horas adiante, vejo civilização. Atraco o caiaque e vou até um ribeirão. Não quero lhe contar nada, mas peço um pouco de café. Ofereço 10 reais, mas ele rejeita. A sua senhora, uma mulher de 23 anos, aparentemente mãe de três, me serve o melhor café que bebi na vida, o melhor. Eu choro de alegria e o homem da casa fica estranhado. Não resisto e conto a história do ser misterioso. Ele se impressionou, fala para a esposa e diz que já existem por aqui casos nos arredores de luzes estranhas que vão e vem. Eu digo que não olhei nenhuma. Somente uma presença estranha. A jovem senhora faz o sinal da cruz e se ajoelha para sua padroeira. O homem pede para que eu fique mais um pouco, mas resolvo declinar do pedido. As histórias que conta parece mais uma tentativa de segurança frente ao desconhecido como os antigos mitólogos que criavam estórias para se sentirem importantes. Passo novamente protetor solar e subo no caiaque. Sinto-me, inicialmente, iludido como Odisseu por Calipso. Por mais alguns dias viajo indo de ziguezague entre as já calmas águas e cocais, volto a senti-lo como um vento forte vindo da copa das árvores. Não consigo olhar para cima, o sol dói, mas sinto algo sobre mim. Chego à cidade de Codó e resolvo dormir num hotel à beira rio. Não era a intenção em nenhum momento sair da natureza, mas já estava por quase seis dias sem dormir. Estava com

medo de desmaiar e morrer afogado. Fiquei por quase doze dias. A cidade é até bonita, mas há tantos cascudos que te olham nos cantos do quarto que você se sente impelido a dar a eles uma migalha de pão todos os dias. Paguei e sai as 2h da manhã. Sentia que tinha tirado *Schwartzamann* das costas. Eu rio para a mata braba, “eu rio na cara do perigo”. Dias fiquei viajando, hoje é a primeira vez que encontro com pescadores. São quase 5h, eles arrastam suas redes rio acima de uma margem a outra, preciso parar para esperar que terminem sua labuta. Um deles ri e diz qualquer coisa para outro se dirigindo a mim, eu não respondo. O sol surge rasteiro. Os cocais típicos se tornam raros ao ponto de eu pensar que a mata de cocais sumiu. Há muitas casas de ribeirinhos, quase sempre humildes. É um povo trabalhador que luta de sol a sol para viver, mas que destrói sem nada a ver, e por outro lado, a natureza sempre responde com seus altos níveis de intempéries. Depois que saí de Codó, chego numa região que parece uma península de pedra. Passo e sigo viagem. O rio antes barrento agora, parece escuro, mas continua valente no seu percurso até o mar. Resolvo descansar as 17h na margem direita, porque por horas não via nenhuma alma. Atraco o caiaque. Acendo o fogo a gás. Preparo o meu miojo. Tudo estava tranquilo. Armo minha barraca. Decido dormir por lá. As 18h, o breu já reina. Ligo a lanterna e vejo uma cotia devorar um coco babaçu. É a primeira noite no mato depois da temporada em Codó. Acordo feliz e animado. Preparo o café e sigo viagem. Um pouco antes de Coroatá, as águas se agigantam, correntezas fazem com que o caiaque, pela primeira vez seja testado. Ele se sai bem. Continuo a viagem intrépida e não sinto mais aquela presença estranha. Imagino que fossem moleques ou curiosos que perdendo distância resolveram voltar. Neste percurso que estou a mata sempre parece escura, como se as pessoas não habitassem ali. Vejo alguns animais indo beber na margem do rio. Sinto vontade e choro. Alguns metros, num banco de areia, encontro uma mulher, talvez com 20. Ela abre um sorriso largo. Fico por alguns minutos receoso, mas me dirijo a ela. Digo que estou vindo de Caxias, não digo que fiquei quase um mês em Codó. Ela disse que saiu do Val do Jaboque há quase três horas e estava um pouco assustada com a correnteza. Pediu para seguirmos viagem até Itapecuru Mirim se eu autorizasse, eu concordei com a cabeça. Ela abriu novamente o sorriso. Seguimos viagem e paramos numa área que tinha sido usada recentemente para um plantio. Ela parecia empolgada demais e confiante demais na presença de um desconhecido. A primeira regra de um viajante solo, é: nunca puxe assunto ou aceite coisas de um desconhecido. Ela estava lá, no meio do mato com um total desconhecido, mas eu não era um monstro. Só um chato. Depois de dias chegamos ao povoado São Brasília e ela decidiu mudar os rumos e pegar um braço d’água.

Confesso que isso me alegrou profundamente. Depois continuei. Dias viajando cheguei a um percurso que fazia um esse e que ficava a algumas horas de Coroatá. Em Coroatá fui alvo de curiosos que perguntaram o que fazia, eu não quis responder com sinceridade. Inventei uma desculpa. Passados alguns dias, chego nas proximidades de Itapecuru Mirim, onde encontro um banco de areia gigantesco. A água bate no meu tornozelo. Ao ponto de arrastar o caiaque. Fico andando por quase 8 minutos até encontrar água. Encontro muito lixo e até mesmo animais mortos: é o próprio Ganges. O rio novamente ganha uma cor escura em alguns pontos. Na prainha do Cupim, ocorre o primeiro sinal. O vento sussurrava novamente como da primeira vez. Os animais sumiram. O céu fica nublado. Senti o pior. Resolvo acampar por lá numa área que parece uma várzea de buritizais. Armo a barraca e amarro o punhal num galho. Não há sinal telefônico. O gps desligou e não liga mais. Deixo as câmeras ligadas. Com a minha lança artesanal aponto em direção a mata, grito pela primeira vez, saiam daí, mas ninguém surge. Mordo os lábios, suco como um porco e grito novamente. Um galho se quebra em pouca distância a que estou e por um instinto pulo na água. Ela está fria, o leito não está fundo, sinto-o, vou para a outra margem, alguma coisa vai até a minha barraca e a derruba. Sinto o medo a me puxar para baixo, não consigo gritar. Agora olho para os lados, o medo arrebenta, penso que eles estejam ali também na outra margem. Eles mexem em tudo. Com medo, subo numa palmeira, mas não consigo, então cubro-me com uma folha de babaçu. Na hora nenhuma cobra aparece, mesmo que seja típico delas estarem ali. Como um louco, sinto a presença de um zumbido, então uma luz encandeia tudo. Não consigo enxergar absolutamente nada. Algo bate no meu ombro e caio. Acordo as 10h da manhã com dores no corpo todo. Da margem vejo que o caiaque está preso, mas a barraca foi totalmente destruída. O que poderia ter feito aquilo? Decido que vou descansar em Itapecuru Mirim, inicialmente pensei em desistir, mas julguei que tive insolação, era a única explicação lógica. Eu mesmo fizera aquilo, era a única maneira racional. Fui para um hotel e deixei meu caiaque no quarto. Fui para uma clínica particular e o médico informou o que eu já sabia: insolação e falta de vitamina b12. Fiquei internado por oito dias. Avisei por telefone ao gerente do hotel que ficaria na clínica que não se preocupasse com nada que pagaria pelas diárias. Passados estes dias, fui ao supermercado da cidade e comprei sete latas de sardinha e cinco de atum. Decidi que aquilo foi uma peça da minha mente. Fiquei ainda mais dois dias. Paguei e saí às 4h da manhã. Olhei a ponte, tinha sua beleza. O rio florava, mas se via muito lixo. Segui viagem. Por algumas horas cheguei ao Quilombo Santa Maria dos Pretos, algumas lavadeiras já de idade me olharam e riram e duas jovens gritaram, em

uníssonos, venha aqui viajante, mas decidi pela tática de Odisseu, melhor mesmo é se amarrar no mastro da consciência e ir embora. Depois de três dias, chego num outro banco de areia. Num deles, ando por dez minutos por areia seca, e mais três, de água até o tornozelo, e aí, caio em um buraco submerso. Se não fosse o colete e o próprio caiaque tinha morrido. Agora, em São Miguel, próximo a Rosário, vejo a indústria da construção retirando areia do leito, dragas monstruosas chupam toda a vida do rio. Decido que vou descansar no Povoado São Simão, carrego o caiaque até a margem, converso com senhores de certa idade que andavam pela margem e falam do festejo do “*porco na rede*” que vai acontecer em dezembro. Eles contam que levam o animal vivo pelo povoado numa rede e no final fazem o sacrifício e a comilança. Acho engraçado. Fico até as 15h. Em Miranda do Rosário, entro no Estreito do Mojo com destino a Ilha dos Caranguejos. Não queria entrar direto em mar aberto. No outro dia, já beirando as 10h, passo pelo estreito dos Mosquitos, as ondas e a sensação de medo tomam conta, olho de cima e vejo carros correndo como loucos, saltando entre os buracos da ponte, desta banda, chego ao rio Mearim, próximo da Baía de São Marcos, a lama impede que eu navegue, então caminho por 1h, chego numa vala, o sol sumiu faz um bom tempo que é certo. Entre barulhos de sapos e grilos eu chego à ilha. Na ilha não há nada de especial. Só decidi que iria passar o meu aniversário lá, mas ele foi ontem, os atrasos custaram seu preço, mas decidi acampar assim mesmo. Como nessa hora a maré já estava recuada, decidi que melhor mesmo era esperar até às 17h e seguir viagem até Alcântara. Eu tinha alugado uma casa por lá, a intenção seria uma viagem por cabotagem. Amarrei o caiaque nas raízes do mangue, havia muito plástico preso. Abri uma lata de atum e comi com miojo, guardei a lata. Tomei um copinho de vinho que comprei em Caxias. Decidi que iria dormir as 16h, as 17h, já estava preparado para partir. Novamente não olhei nenhum animal na ilha. Decidi que sairia às 17h40. Contornei a península, próximo ao navio fantasma. No mar, a câmera da frente estava torta, resolvi me agachar e consertar. Neste momento fui levantado por 15 metros acima e, depois, caí. As câmeras do caiaque se perderam. Fiquei boiando por alguns segundos até voltar a consciência. Achei os destroços do caiaque. O medo tomou conta. Aquilo poderia atacar ou me engolir novamente. Tomei coragem e nadei até a ilha. Parecia que tinha sido levado para muito longe. Nela, eu lembrei da câmera do colete, peguei ela e tentei olhar o que era, mas pouca coisa deu para ver. O animal parecia uma baleia e ao mesmo tempo não. Decido que melhor é dormir na ilha. O frio bate. Às 22h o céu é iluminado e um som estranho surge. Eu estava amarrado às raízes das árvores que ficam expostas no mangue, evitando ser levado pela maré.

O medo surgiu. Não conseguia ver direito. Decido correr, mas acabo caindo. Me arrasto até a margem e tento nadar, mas algo me puxa pelos pés. Grito horrorizado. Sou arrastado entre a areia, as pedras e os galhos. O meu corpo é destroçado. A figura estranha me puxa. Grito para ela: me solta, me solta, desgraçado. Senti na hora que o chão ia explodir. O meu corpo começou a ferver e uma outra coisa veio até mim e me puxou para cima, a luz impediu que eu viesse o seu rosto. Quando caí, apaguei. Depois disso, não lembro de mais nada.

Gabriela de Santana Oliveira (GS)

Academia Itapecuruense de Ciências, Letras e Artes (AICLA)

E-mail: gabrielasantana1611@gmail.com

Francisco Inaldo Lima Lisboa (IL)

Academia Itapecuruense de Ciências, Letras e Artes (AICLA)

E-mail: franciscoinaldo@ifma.edu.br

Entrevista com Benedito Bogéa Buzar

Interview with Benedito Bogéa Buzar

Entrevista exclusiva para a revista eletrônica Pergaminho, realizada em 16 de janeiro de 2024, na sede da Academia Maranhense de Letras (AML), em São Luís - MA.

Nascido na cidade de Itapecuru Mirim em 17 de fevereiro 1938, é advogado, formado na Faculdade de Direito do Maranhão. Atuou na docência como Professor de Ciência Política do Curso de Administração Pública da UEMA. Exerceu vários cargos no setor público, como presidente do SIOGE (Serviço de Imprensa e Obras Gráficas do Estado), presidente da MARATUR (Maranhão Turismo), Secretário de Estado da Cultura do Maranhão - SECMA, entre outros. Como jornalista, foi colaborador em alguns dos principais periódicos maranhenses, além de manter no *Jornal do Dia*, a coluna diária “Roda Viva”, que assinava sob o pseudônimo de J. Amparo. Tempos depois essa mesma coluna passou a ser publicada no *Jornal O Imparcial* e, por último, no jornal *O Estado do Maranhão* na versão impressa e no formato eletrônico, também era publicada no *Blog do Buzar*. Ainda na esfera do jornalismo, produziu e apresentou o programa de entrevistas “Maré Alta”, que manteve na TV Ribamar entre 1978 e 1980.

Foi Deputado Estadual e teve seu mandato cassado em 1964, por ocasião do golpe militar. Em 2013, o mandato lhe foi devolvido simbolicamente pela Assembleia Legislativa do Estado do Maranhão. Pesquisador e escritor, publicou várias obras, como: *A Greve de 51: os trinta e quatro dias que abalaram São Luís* (1983); *Politiqueiros, Politicalha, Politiquice, Politicagem e Política do Maranhão* (1989); *Neiva Moreira: o jornalista do povo* (1997); *O vitorinismo: lutas políticas no Maranhão - 1945 a 1965* (1998); *Vitorinistas e oposicionistas* (2001); *Os 50 anos da Greve de 51* (2001); *No Tempo de Abdala era Assim* (2011), *O dia a dia da História de Itapecuru Mirim* (2014), *O Itapecuru de Zuzu Nahuz* (Org. 2018). Membro da Academia Maranhense de Letras (AML) desde 10 de agosto de 1990, presidiu a Instituição em

quatro mandados: primeiro em 2011 (um mandato tampão); depois de 2012 a 2014; de 2014 a 2016 e de 2016 a 2018. Também é membro fundador da Academia Itapecuruense de Ciências, Letras e Artes (AICLA) fundada em 07 de dezembro de 2011, tendo sido seu primeiro presidente. Já foi agraciado com diversos prêmios e honrarias.

G.S.: Ao conhecer sua trajetória, chama nossa atenção o fato de você ter transitado por tantas áreas: no Direito, no Jornalismo, na Docência, na Política, nas Letras. Diga-nos, por favor, como todos esses fazeres foram surgindo e se articulando.

BUZAR: No Direito, eu não tive nenhuma participação, pois nunca advoguei. Cheguei até a fazer parte da OAB, mas não militei na advocacia. Nunca tive interesse. A política e o jornalismo conseguiram ser mais fortes.

Na Política foi que eu entrei mais cedo. O fato de meu pai, Abdala Buzar, ser um político muito forte em Itapecuru-Mirim, onde foi perfeito algumas vezes, foi importante. Acontece que durante o período que eu estudava para ingressar na faculdade, no Rio de Janeiro, acabei me envolvendo com uma certa militância política. No Rio, existia uma associação de estudantes maranhenses, da qual João Alberto (ex-governador do Maranhão) foi o presidente. Foi lá que eu me interessei muito por essa militância política, sobretudo política de esquerda. Esse envolvimento despertou meu interesse em atuar na política no meu Estado, aproveitando o fato de o meu pai ser prefeito nessa época. Assim, voltei ao Maranhão e comecei a trabalhar pela minha candidatura. De início, meu pai não gostou da ideia e dizia: “Rapaz, larga esse negócio de política. Isso não serve para ninguém. Tu vais gastar tempo, tu tens que estudar. Era melhor que tu ficasses realmente com o teu curso de Direito e depois viesse para cá”. Superei essa resistência e ele terminou se convencendo. Eu tinha apenas 22 ou 23 anos, mas já tinha uma cabeça feita para a política. Gostava muito de ler sobre política e o grupo onde militava, no Rio de Janeiro, era de esquerda. Então, fui candidato em 1962 a deputado pelo PSP (Partido Social Progressista). Eu me elegi praticamente em Itapecuru, fiz uma campanha muito forte lá, de casa em casa. Fui eleito Deputado Estadual na primeira eleição, em 1962. Fui o terceiro mais votado do partido. Na Assembleia, tomei parte do grupo que era de oposição, formado por Sálvio Dino, pai de Flávio Dino, de quem sou padrinho.

Quando veio o Golpe Militar, os governistas procuraram exatamente nos minar, nos denunciar, dizendo que éramos comunistas. Razão pelas quais os militares se aproveitaram para pressionar

a Assembleia para cassar os nossos mandados, o que aconteceu numa sessão especialmente dedicada a pressionar os deputados para a extinção de nossos mandatos políticos. Quando Sarney assumiu o governo, embora eu não tivesse apoiado a sua candidatura para o governo do Estado, cuja eleição se deu em 1966, fui convidado para fazer parte de sua equipe de governo, passando a integrar um grupo de jovens técnicos que fizeram parte de um órgão chamado SUDEMA (Superintendência de Desenvolvimento do Maranhão), que era encarregada de planejar o processo de desenvolvimento estadual.

Nessa época também fui convidado por Bandeira Tribuzi para escrever uma coluna política no *Jornal do Dia*, foi aí que nasceu a Roda Viva (numa alusão ao título de uma música do cantor e compositor Chico Buarque que fazia muito sucesso na época). Aos poucos essa coluna foi se impondo na base da política e ganhou muita receptividade nos meios políticos. No auge da popularidade jornalística deixei o *Jornal do Dia* por um desentendimento político, razão pela qual fui convidado imediatamente pela direção do *Jornal O Imparcial* onde continuei a publicar a Coluna Roda Viva, mantendo o formato e o mesmo conteúdo. Foi dessa forma que comecei a fazer jornalismo. Algum tempo depois, Sarney comprou o *Jornal do Dia*, que passou a se chamar *O Estado do Maranhão*. Nunca mais deixei de escrever para jornal. Também escrevi no *Correio do Nordeste*, de Zuzu Nahuz.

Nessa ocasião recebi um convite para ministrar a disciplina Ciência Política, no curso de Administração que precedeu a FESME (Federação Universitária do Maranhão) e depois virou a UEMA (Universidade Estadual do Maranhão). Naquela época, ainda não existia a cidade universitária Paulo VI. Só existiam os cursos Administração e Agronomia. Eram cursos isolados, criados para atender às necessidades do Estado. Fiquei e gostei. Trabalhei na docência até me aposentar.

G.S.: E nas Letras? Como surgiu o convite para participar da Academia Maranhense de Letras?

BUZAR: O primeiro livro que escrevi - *A Greve de 51: os trinta e quatro dias que abalaram São Luís* - trata da greve que houve contra Eugênio Barros, que foi eleito pelo governo em uma eleição muito fraudulenta. A oposição resolveu fazer um movimento na praça João Lisboa. A cidade era muito oposicionista. O comércio foi fechado. As pessoas ficaram mais de trinta dias concentradas na praça. Houve mortes, o Exército teve que intervir. Esse movimento redundou numa greve que paralisou a cidade. Getúlio Vargas, que era o presidente da república, resolveu

nomear um interventor enquanto se preparava uma outra eleição. Eu comecei a me interessar muito por esse assunto, passei a pesquisar nos jornais da época para ver como escrever sobre essa greve e terminei escrevendo o livro.

Na época em que publiquei esse livro, Jomar Moraes era o presidente da Academia Maranhense de Letras. Eu sempre gostava de ver as reuniões, as posses, mas nunca passou pela minha cabeça que iria ser membro da academia. Para surpresa minha, recebi um convite de Jomar Moraes para eu ocupar uma cadeira, a número 13, que foi de Fernando Perdigão. Recusei o convite, porque achava que não me sentia preparado para ocupá-la. Mas ele insistiu, garantindo que me apoiaria na eleição. Terminei aceitando e não tive concorrentes. Entrei, fiquei e comecei a me interessar mais por isso, eu sempre li muito, principalmente política e romance. Eu lia Humberto de Campos e Eça de Queiroz. Fui me tornando um intelectual. Na minha vida as coisas foram acontecendo assim, muito sem eu querer, nunca tive uma meta. Então, eu escrevi outros livros, mas sempre sobre política. Não fui poeta, nunca escrevi ficção. Escrevi ensaios políticos, depois fiz o livro *O Vitorinismo: lutas políticas no Maranhão* - e esse foi um livro que eu ganhei um bom dinheiro. Fiz cinco edições e a cada edição ele era muito bem recebido. Depois eu fiz *Vitorinistas e Oposicionista* e assim por diante.

I.L: Buzar, conte-nos mais um pouco sobre como foi o processo de criação do livro *A Greve de 51*?

BUZAR: Eu comecei a escrever em capítulos, estes eram publicados no *Jornal do Dia*. Todo esse material era publicado numa página aos domingos. Depois resolvi reunir tudo isso e transformei num livro. Foi lançado na praça João Lisboa e foi um grande sucesso. Eu escolhi a Praça João Lisboa para o lançamento, porque era o local onde as oposições se reuniam e faziam os movimentos de mobilização.

I.L: Por que você nunca fez uma segunda edição desse seu primeiro livro?

BUZAR: Foi porque quando escrevi o livro *O Vitorinismo: lutas políticas no Maranhão*, incluí o conteúdo de *A Greve de 51* nele, porque aquilo tudo foi um episódio que estava dentro do contexto do vitorinismo. Mas também incluí muitas outras matérias que eu já havia publicado nos jornais.

I.L: Buzar, você também ocupou vários cargos no Estado, fale-nos desses momentos.

BUZAR: O primeiro cargo que ocupei foi de técnico da SUDEMA, no governo Sarney. Posteriormente, no governo de João Castelo, que foi meu colega de turma no Colégio Marista, fui convidado para ser presidente do SIOGE (Serviço de Imprensa e Obras Gráficas do Estado). Depois, no Governo de Edson Lobão, fui para a MARATUR (Maranhão Turismo). Quando João Alberto se tornou governador, ele me nomeou Secretário de Estado da Cultura. Época em que tomei a iniciativa de restaurar a antiga cadeia pública de Itapecuru Mirim, que consegui com o apoio do governador João Alberto e foi criada a Casa da Cultura.

No governo de Roseana Sarney (1999-2002), as Secretarias foram transformadas em Gerências Gerais e Regionais. Itapecuru Mirim ficou como cidade polo de uma gerência regional, para a qual fui convidado pela governadora Roseana Sarney para ser o seu gerente. Eu pretendia ser prefeito de Itapecuru Mirim, aliás é uma das coisas que sempre digo: na minha vida política só há uma parte que não me perdoou, não ter sido prefeito de Itapecuru Mirim. Nunca nem me candidatei, e o interessante é que eu participava de todos os movimentos políticos dos candidatos de lá e, praticamente, todos os que eu apoiava, ganhavam.

Nessa época, João Silveira ainda era vivo e insistia na ideia de que deveríamos criar uma academia de letras em Itapecuru Mirim. Ele morreu antes de ver a academia fundada, mas ajudou muito, informou o nome das pessoas que deveriam fazer parte. Eu botei essa academia para funcionar. (A Academia Itapecuruense de Ciências Letras e Artes – AICLA - foi fundada em 07 de dezembro de 2011).

G.S: Ainda falando de sua biografia, é possível notar que você mantém viva a memória de seus familiares, do seu pai, por exemplo, e que não desfez os laços com sua terra natal, Itapecuru Mirim, apesar de ter saído de lá ainda criança para estudar na capital do Estado. Fale-nos um pouco sobre esses vínculos.

BUZAR: Nunca me desliguei de Itapecuru. Meu pai sempre morou lá. Minha família tinha um comércio muito forte. Meus avós vieram do Líbano, fugindo da guerra. Foram para a França, de lá pegaram um navio e vieram para o Brasil. Foram parar em Juazeiro, na Bahia. Minha avó estava grávida. Da Bahia para cá eles vieram em vários meios de transportes. E eles vieram como andarilhos, porque não havia estradas e os meios de transportes eram pelos rios. Além

disso, nem todos os lugares tinham embarcação e onde não tinha embarcação eles alugavam animais. Minha avó terminou tendo o filho ao longo da viagem (primeiro filho José Buzar). Quando eles chegaram a Itapecuru, já havia um primo de meu avô por lá. Os libaneses vinham assim, quem se instalava começava a puxar os parentes. Então, quem tinha parente, chamava o parente para vir para cá e eles acabaram vindo para o Maranhão. Eles eram destemidos, trabalhavam de qualquer jeito, com condições ou não e entravam geralmente no comércio. Daí terminavam ficando na cidade de Itapecuru Mirim

G.S: Você poderia nos contar como era a Itapecuru Mirim de sua juventude? Do que você tem mais saudades?

BUZAR: Naquela época Itapecuru Mirim era uma cidade pacata, não vou dizer que não existia movimento na política, aliás era somente nesses momentos que as relações ficavam mais tensas, porque sempre havia esses pequenos conflitos. No geral, era uma cidade calma, onde todos se conheciam e se davam bem. Ela começou a crescer em termos da administração públicas nos anos 50 (século XX), com o prefeito Miguel Fiquene. Foi quem fez a sede da prefeitura. Eu fiz o primário todo em Itapecuru no grupo Escolar Gomes de Souza, foi meu pai, inclusive, quem o construiu. Havia uma professora chamada Celestina Nogueira da Cruz, ela não nasceu em Itapecuru, mas era filha de itapecuruenses e quis vir para Itapecuru. Quando ela chegou na cidade, eu estava no segundo ou terceiro ano do primário, ela me acompanhou durante todo o curso primário em Itapecuru Mirim. Após seu término, vim para São Luís fazer o exame de admissão e continuei meus estudos até o nível superior. Em Itapecuru, por outro lado, já havia umas pessoas que escreviam: Luiz Bandeira, Nonato Ferraz e João Silveira, este era mais novo, mas também já participava, e Mariana Luz.

Inclusive, Mariana Luz foi quem me alfabetizou. Ela cuidava de alfabetização. Ela era malvista, diziam que ela não podia olhar para flores, que as flores murchavam, que ela era bruxa. Mesmo quando ela estava viva as pessoas falavam muito dela. O pessoal de Itapecuru Mirim nunca deu valor para Mariana Luz. O pessoal que morava em São Luís, ou de outros lugares, que tinha contato com as letras, é que dava valor a ela; era quem a visitava em Itapecuru Mirim.

Também havia outros intelectuais na cidade, juízes e os promotores que iam para lá e participavam das atividades. Nós nos divertimos, como criança, jogando bola, peteca. Tinham as festas religiosas que eram muito frequentadas. Cada festa religiosa tinha os padrinhos que se

encarregavam de fazer a festa. Papai era encarregado de fazer a festa de São Benedito, sempre foi devoto. Ele sozinho fazia a melhor festa que acontecia por lá; Seu Chico Nogueira fazia a festa da Cruz; Seu Raimundo Veras fazia a festa do Divino Espírito Santo; a de Nossa Senhora das Dores, eu não lembro direito, mas acho que era feita pelos membros da própria igreja. Era uma cidade gostosa, havia muitos músicos, a cidade sempre teve muitos músicos. Essas festas eram muito bonitas. Quem as animava, tanto as festas particulares, os bailes, como as festas do Largo, eram os músicos itapecuruenses. Itapecuru Mirim sempre foi uma terra muito pródiga de músicos. Nós tivemos grandes músicos: Joaquim Araújo, Carlos Bezerra, Feliciano Lopes. Os mais velhos ensinavam os mais jovens. Uma boa profissão em Itapecuru era ser músico. Havia muitas festas e eles animavam as do município e das outras cidades vizinhas.

Quando era época do festejo de São Benedito, papai saía pelas ruas com uma banda para arrecadar joias (donativos para o leilão que era realizado no festejo). Papai gostava de música e dos bailes. Na cidade, não existiam clubes sociais. As festas eram realizadas em casas particulares. Quando alguém queria fazer uma festa, diziam: “Vamos fazer na casa no Chico Nogueira”. Ou, então, iam pedir qualquer casa emprestada. Naquela época, eram festas onde havia discriminação racial. Havia os “bailes de primeira”, nas quais não entravam negros. O negro poderia ter a sua família dotado de certo recurso, mas eles não participavam, eles só participavam dos chamados “bailes de segunda”, que eram as festas onde os negros podiam participar. Isso perdurou até os anos 60 (século XX), quando começou a se pensar em criar um clube social. Só assim é que veio a acabar com essa separação de “baile de primeira” e “baile de segunda”. As famílias que tinham recursos, faziam parte da sociedade e foi aí que aconteceu a fundação do Itapecuru Social Clube, meu pai foi o primeiro presidente.

Na gestão do prefeito João Rodrigues, na década de 60, chegou o progresso: a televisão, ele mandou fazer um pedestal e colocou um aparelho de TV na praça. Gomes de Souza. Quase toda população ia para a praça assistir à televisão.

G. S.: E como era a cidade de São Luís?

BUZAR: São Luís naquela época também era uma cidade muito boa, todo mundo se conhecia, todo mundo ia à praça João Lisboa. Lá era um centro de reuniões da cidade, tudo acontecia lá. Festas religiosas, lazer e reuniões políticas. Quando fui para São Luís, primeiro fui interno durante dois anos no Colégio Maristas. Os clubes funcionavam no centro da cidade, o Cassino

Maranhense, à época na Rua Grande; a primeira sede do Lítero foi na praça João Lisboa. Na segunda-feira de carnaval acontecia o baile do teatro. Os clubes não faziam festa, a festa era no teatro em benefício da assistência social promovida pela primeira-dama do Estado. Muita gente ia para essa festa.

I.L: Quando você veio morar na capital, o que mais te seduzia?

BUZAR: Uma das coisas que me chamava muito atenção era fumar cigarro. Eu era do internato menor e tinha o internato maior. Os maiores fumavam cigarro nos banheiros e nós menores ficávamos só olhando com uma vontade doida de fumar. Quando eu saía aos domingos, comprava uma carteira de cigarro, botava no bolso e aquilo me dava uma sensação de liberdade, porque, naquela época, tudo era proibido. Na verdade, eu nunca fui fumante. Meu pai foi fumante, inclusive morreu de câncer. Eu também nunca tive sedução por nenhum tipo de droga. Até porque, naquela época, a droga mais popular era a maconha e o usuário era muito malvisto. As pessoas logo chamavam de maconheiro.

Naqueles tempos ainda não havia a Ponte para o Bairro São Francisco (ponte José Sarney), inclusive foi o governador Sarney que mandou construir a ponte. Para ir ao outro lado do rio Anil, as pessoas tinham que atravessar de canoa ou de barco. A cidade girava em torno do centro urbano. Os grandes comerciantes todos moravam no centro. A Praia era pouco frequentada. Com relação aos cinemas, destacavam-se o Cine Roxy, o Eden, o Rival, este ficava na esquina da Rua Grande, as cadeiras dos cinemas eram de madeira. Para ir à praia Ponta d'Areia, para atravessar para o outro lado, tínhamos de ser transportados de barcos, nos quais embarcávamos no Cais da Sagração. Para se ir ao Olho d'Água, o transporte era de caminhão, pegávamos esse transporte perto do Liceu. Eles colocavam aqueles bancos toscos de madeira no caminhão, enchiam de gente e, assim, as pessoas iam. As festas se realizavam no Cassino ou no Lítero, pois ainda não havia o Jaguarema. Eu conheci minha esposa aqui em São Luís.

I.L: A morte te preocupa?

BUZAR: Eu não me preocupo com isso, porque se eu fosse um cara doente, se fosse dependente de alguma coisa, já estaria fora de combate há muito tempo. Sou um cara que não tem doenças. Agora que está me dando uns esquecimentos, mas eu sempre tive a cabeça muito boa. Quando eu digo minha idade as pessoas não acreditam.

I.L: Você já pensou em sair do Maranhão?

BUZAR: Não. Eu só passei um período do Rio de Janeiro, quando fiz o preparatório para ingressar no curso superior, mas eu nunca pensei em ir embora do Maranhão. Gosto demais daqui, sou muito agarrado com as minhas coisas, com São Luís, com as coisas de Itapecuru Mirim. Se eu pudesse eu estaria morando em Itapecuru, mas a minha família reside em São Luís.

I.L: Como começou a tua amizade com Sarney?

BUZAR: Minha amizade com Sarney nasceu na campanha de 1962, quando eu fui candidato a deputado estadual e ele a deputado federal. Ele era da UDN (União Democrática Nacional) e eu do PSP (Partido Social Progressista). Ele se elegeu e eu me elegi, mas eu era mais ligado ao Neiva Moreira. Formávamos as oposições coligadas que definiram ser ele o candidato da oposição a governador nas eleições de 1965.

I.L: Teu pai era governo, você era oposição. Como é que se dava essa relação da política entre pai e filho.

BUZAR: Nós nos dávamos muito bem. Ele fazia a política dele lá pedindo voto para Líster Caldas que era PSD, candidato a deputado federal, e eu fazia pedindo voto para deputado estadual pelo partido de oposição.

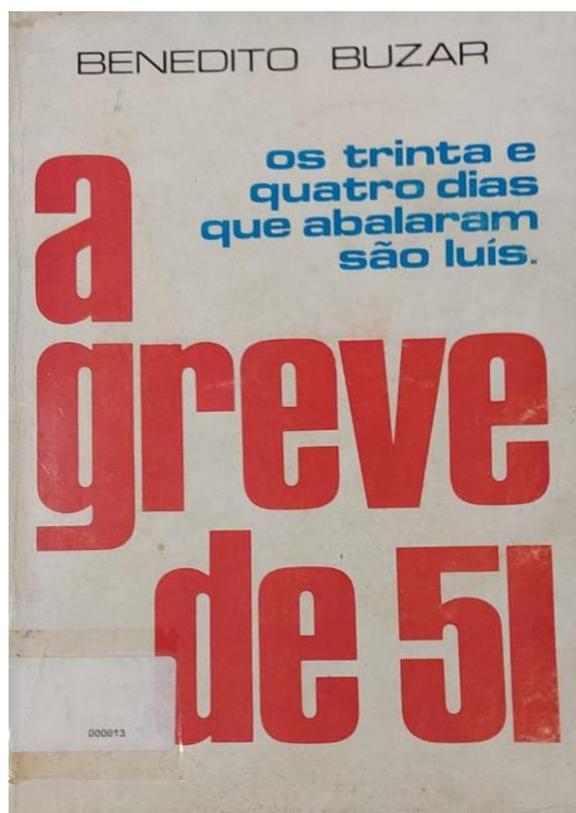
G. S.: Em outras entrevistas, em mais de uma ocasião, você mencionou que o golpe militar foi recebido no Maranhão sem grande resistência. A que você atribui essa aparente apatia?

BUZAR: Os políticos que lutavam contra o golpe de 64 (século XX) não eram muito expressivos. O deputado que tinha mais força era o Neiva Moreira, que fazia uma oposição mais forte. Os militares aqui eram todos maranhenses, então aqui no Maranhão não houve um grande movimento de pressão ou cassação de mandato. Eu nunca fui chamado ao 24^a BC para depor. Salvio Dino ainda chegou a ser preso com o pessoal que fazia política em Imperatriz. Ele carregava a bandeira da oposição. Eu só fui chamado ao 24^o BC, uma vez, por uma situação muito engraçada. Eu escrevia no jornal e um dia foi comemorado o “Dia do cavalo”. As pessoas falavam tanto que o cavalo teve muita importância na economia brasileira, por isso resolveram homenagear o animal. Eu escrevi uma nota, dizendo que o cavalo realmente merecia essa

homenagem, porque ele tinha muito mais valor do que alguns heróis que andavam pelo Brasil. Um belo dia chegou um oficial do exército me procurando e me entregou um documento, pedindo para eu comparecer ao 24^a BC para falar com o coronel Alberto Braga. Antes de sair de casa eu avisei para Solange: “Te prepara aí, eu não sei se vou voltar para casa hoje”. Quando cheguei lá, o coronel estava muito zangado, mas depois ele ficou até meu amigo. Quando eu entrei, ele estava com o jornal em cima da mesa, circulado em vermelho, e aí ele perguntou: “Foi você que escreveu isso?”. Eu disse que sim. Ele continuou: “Por quê? Você tem mágoa de nós militares? É por isso que você resolveu nos comparar com os cavalos?”. Eu respondi: “Coronel, eu não escrevi com essa intenção”. Mas ele não arredava. Aí, com toda prepotência que eles tinham naquela época, porque estavam mandando no país, prendiam de forma arbitrária e depois de falar muito e de fazer ameaças, ele declarou: “Você pode ficar aguardando o retorno da comunicação que eu fiz para o 4^o Exército”. Na época o 4^o Exército ficava em Recife, e o comandante era o general Justino Alves Bastos. Fiquei esperando. Depois fui falar com o governador, que era Sarney, expliquei o que estava acontecendo, disse que estava sendo ameaçado e que estava com medo, então pedi para ele fazer alguma coisa por mim. Sarney disse que ia falar com o general. Acho que ele falou com o Braga e o caso não foi para frente. Depois disso, eu sempre tinha cautela, porque era uma liberdade vigiada. Eu evitava escrever sobre os militares, escrevia mais sobre questões regionais, não me metia muito na política nacional. Enfim, essa foi a única vez que recebi uma intimação.

No período em que foi feita essa entrevista Buzar estava focado no lançamento de uma série de coletâneas com textos que foram publicados em sua coluna Roda Viva, ao longo de vários anos. A primeira seleção será do ano de 1972.

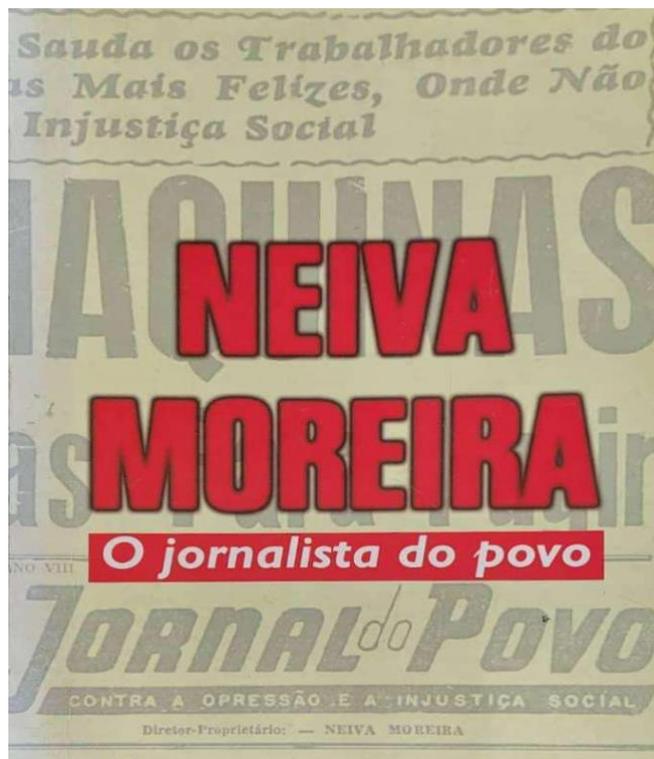
Vamos aguardar para ler.



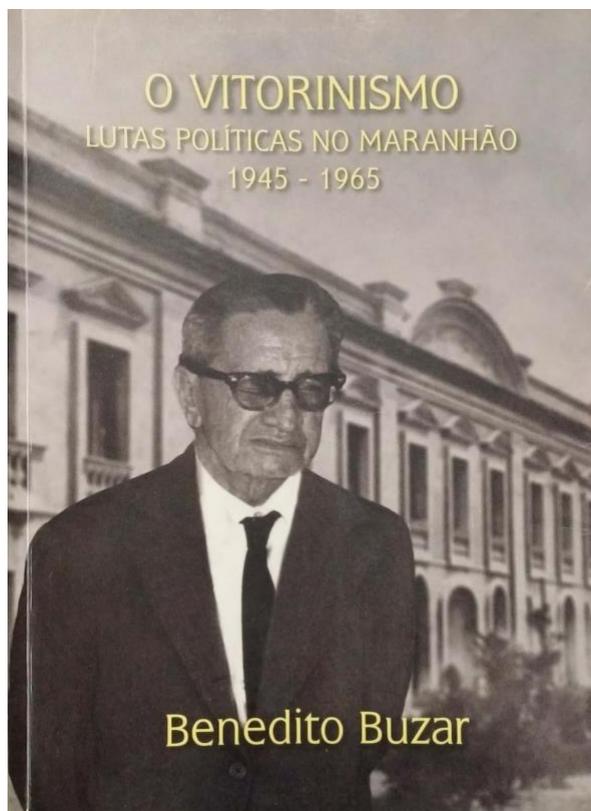
A greve de 51: os trinta e quatro dias que abalaram São Luís (1983).



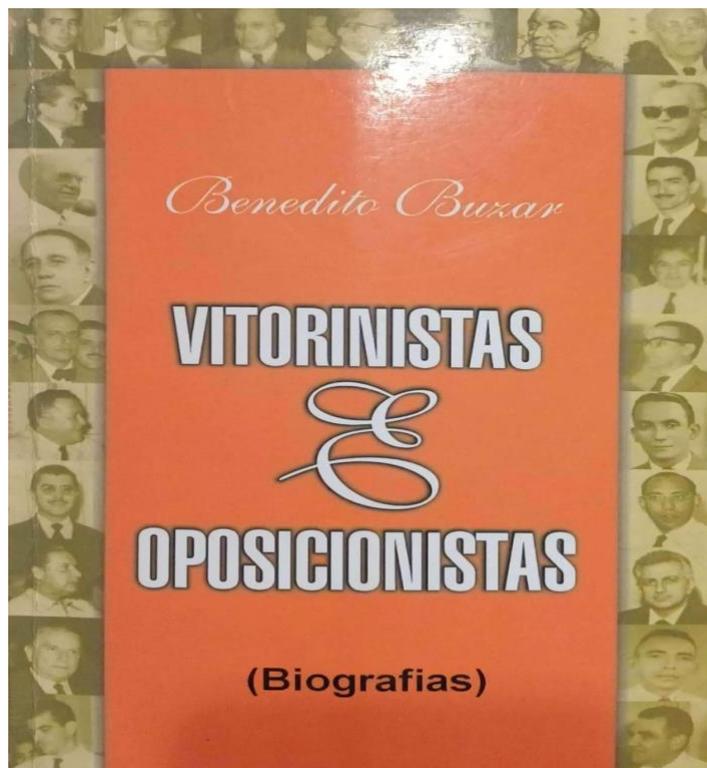
Polítiques, Políticalha, Polítiques, Polítiques e Política do Maranhão (1989).



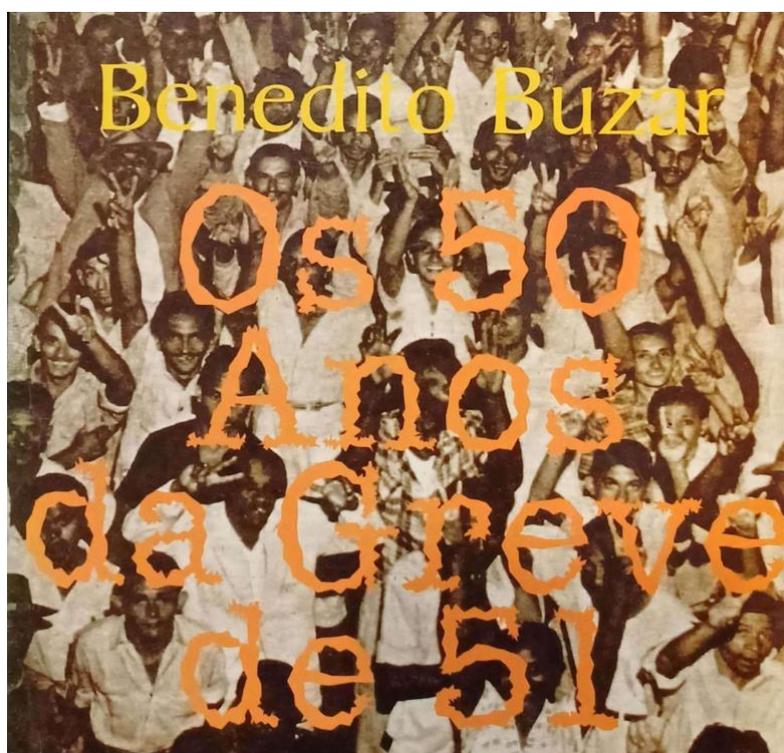
Neiva Moreira: o jornalista do povo (1997).



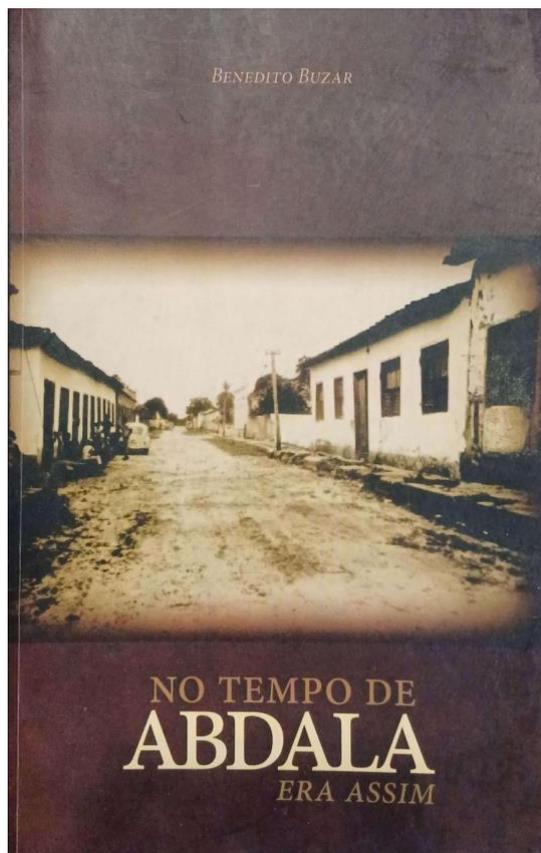
O vitorinismo: lutas políticas no Maranhão - 1945 a 1965 (1998).



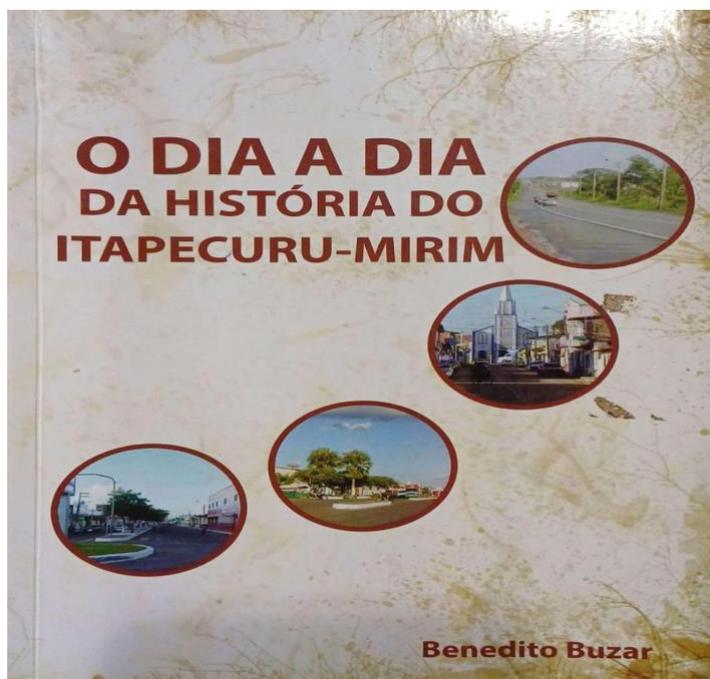
Vitorinistas e oposicionistas (2001).



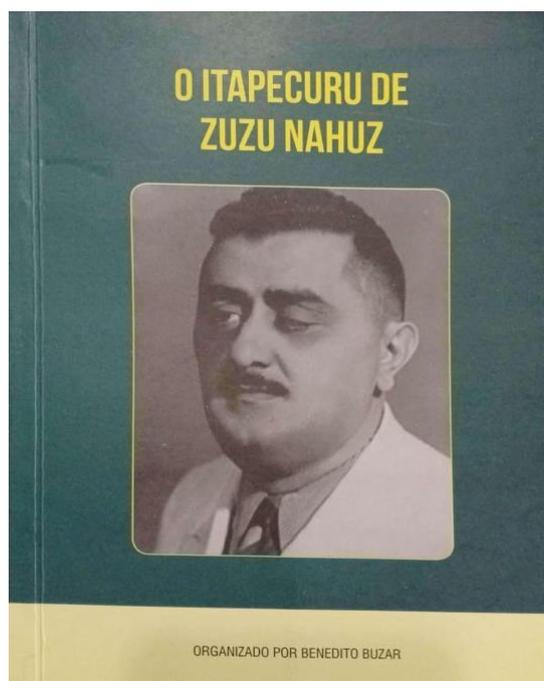
Os 50 anos da Greve de 51 (2001).



No Tempo de Abdala era Assim (2011).



O dia a dia da História de Itapecuru Mirim (2014).



O Itapecuru de Zuzu Nahuz (Org) (2018).





Rua Paulo Bogéa, s/nº - Centro
Itapecuru Mirim - Maranhão